

Liberdade Informa

Um jornal a serviço da comunidade

Distribuição Gratuita

Novembro /99

ITACARAMBI - MG

Ano I - Nº 4

NOTA EDITORIAL

Amigos leitores, encontro-me muito triste com o que ando ouvindo de vocês. Queria deixar claro aqui, de uma vez por todas, a situação do apoio do jornal. Como todos sabem, o "Liberdade Informa" tem o apoio financeiro da Câmara dos Vereadores de Itacarambi. Ao meu ver, e desde que eu era criança sabia disso, uma câmara de vereadores possui membros eleitos pelo voto popular, e são vereadores situacionistas e opositoristas. Irei concluir essa idéia para aqueles cuja ignorância supera um pouco da inteligência que possuem: o meu jornal não foi, não é e nunca vai ser partidário. Ele é apoiado pela Câmara e não pela Prefeitura, ou seja, pelo prefeito. Todos têm o direito de mandar um texto para o jornal. Se, por acaso, alguém ficar ofendido com tal texto, escreva uma réplica dizendo porque não concorda. Isso é democracia, isso é debate sadio e, como eu disse na primeira edição do jornal: "quero coletivizar a palavra, torná-la realmente uma 'alavanca' em prol do nosso social, da nossa educação e, sobretudo, em prol de um contexto político coerente e coeso com nossas pretensões". Deixemos de lado os ataques políticos e vamos fazer algo por nossa comunidade. Se tivermos que bater palmas para um político que não seja coerente com nossos ideais, façamos isso, pois isso é democracia, isso é ser cidadão, isso é pensar no seu próximo e, acima de tudo, isso é ser um político decente.

Esse parágrafo eu dedico à Renatha, do Supermercado Davi César. Queria pedir-lhe desculpas por não ter mandado seu recado no mês de setembro, pois foi neste mês que sua mãe, Eva, e sua amiga, Alzira, fizeram aniversário. Ela escreveu: "Acredite nas suas ilusões, pois o futuro pertence a quem acredita na beleza dos seus sonhos. Parabéns! E um forte abraço de sua filha, Renata." E ela escreveu também para a população de Itacarambi sobre os "Garotos de Rua": "E esqueçamos o que eles sentem/ no seu interior/ Tendo que sofrer/ E viver ao mesmo tempo". Renatha, obrigado por colaborar com o sucesso do jornal. Continue mandando sua colaboração, e que isso se estenda à toda população de Itacarambi. "No mais, estou indo embora"... tchau!!!

Darlan de Oliveira Lula

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA CÂMARA

O poder Legislativo, no Município, é exercido pela Câmara Municipal. São órgãos essenciais da Câmara:

- Plenário;
- a mesa;
- as comissões;
- o Regimento Interno poderá prever os seguintes órgãos:

- o Colégio de Líderes;
- a comissão Representativa da Câmara.

O Plenário

O Plenário é o órgão deliberativo da Câmara e é constituído pela reunião dos Vereadores em exercício do mandato, em local, forma e número legal para deliberar.

O local é o recinto específico na sede da Câmara.

Sessão: forma legal e regimental da Câmara deliberar.

Quorum: é o número de presenças ou de votos determinados pela Constituição Federal, pela lei ou pelo Regimento Interno, respectivamente, para a realização de sessões e para as deliberações.

As deliberações do Plenário, conforme determinações constitucionais, legais ou regimentais, serão tomadas por maioria simples, maioria absoluta ou maioria de dois terços dos votos.

A Mesa

A Mesa é o colegiado dirigente da Câmara, com atribuições específicas. Incumbe à Mesa a direção dos trabalhos legislativos e dos serviços administrativos da Câmara. Ela deve ter sua composição regimentalmente definida, podendo ser assim estruturada:

Presidência: Presidente e Vice-Presidente;

Secretaria: Primeiro Secretário e Segundo Secretário.

O mandato da Mesa é, no máximo, de dois anos, vedada, pelo princípio da rotatividade, a recondução para o mesmo cargo na eleição imediatamente subsequente.

As Comissões

As comissões são colegiados de grande importância para que a Câmara Municipal possa exercer, na plenitude, suas atribuições constitucionais, legais e regimentais. Integram-nas os Vereadores, sendo assegurada na constituição das Comissões, tanto quanto possível, a representação proporcional dos partidos ou dos blocos parlamentares que participam da Câmara.

A Sessão Legislativa

A Sessão Legislativa corresponde a um ano de trabalho da Câmara.

A Sessão Legislativa Ordinária corresponde a dois períodos: de 15 de fevereiro a 30 de junho e de 1º de agosto a 15 de dezembro (a não ser que a Lei Orgânica do Município tenha fixado diferentemente).

A Sessão Legislativa Extraordinária ocorre quando, com este caráter, for convocada na forma da Lei Orgânica e do Regimento.

Uma legislatura é composta de quatro Sessões Legislativas.

As Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Itacarambi são realizadas às segundas-feiras, às 20 horas, e são abertas a toda população.

HUMOR

Dicionário inusitado

Homo page: Site gay

Tetativa: Incursão manual por sob os botões da blusa

Ré maior: Jogadora de basquete levada às barras da justiça

Sexo seguro: Aquele que é agarrado com as duas mãos

Sedoutor: Médico galanteador de suas pacientes

Sementério: O mesmo que camisinha

Sexo frágil: "Ai!, não machuca!"

Tia-avozinha: A musa da terceira idade

Ronronaldo: Sussuro que a gatinha escuta dentro de uma Ferrari

Poder de fogo: Autoridade ébria

Sexo orar: Nos intervalos, uma prece

Limpotente: Higiênico, porém...

DESTAQUES:

Entrevista com o professor Marco Antônio Bueno Belo (Jiló), entrevistado pelo Jô Soares.

O artigo "O vereador e a Comunidade" feito por Emerson Barbosa Macedo.

SEMANA DA SAÚDE BUCAL: 25 a 29 de outubro

Já é lei estadual e foi também aprovada pela Câmara Municipal de Itacarambi a lei que institui a "Semana Municipal de Promoção da Saúde Bucal", que será comemorada anualmente dos dias 25 a 29 de outubro. O objetivo principal desta lei é fazer com que os municípios mineiros, durante essa semana, realizem atividades educativas, informando à população sobre os meios de prevenção das doenças bucais, principalmente a cárie dentária, que atinge milhões de brasileiros. Em Itacarambi, a equipe de clínica odontológica Municipal, com o apoio da Prefeitura, durante essa semana organizou uma série de eventos, envolvendo todos os Agentes Comunitários de Saúde e os alunos do curso de Agen-

tes Comunitários em Saúde Bucal, curso patrocinado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT e SETASCAD-MG. Ao todo são 110 pessoas, realizando 2600 visitas domiciliares, buscando informações sobre como a população tem enfrentado seus problemas de saúde bucal. Os dados servirão de instrumento para avaliação do serviço municipal de assistência odontológica. Além desta pesquisa, foram realizadas palestras, teatro, dramatizações nas escolas, creches e APAEs, e uma grande feira de saúde, com "stands" orientando à população sobre cuidados com os dentes.

Maria Helena Nunes Vieira, Chefe do Serviço Municipal de Saúde.

**ANUNCIE, POIS ESTE É O SEU MELHOR VENDEDOR!
FONE: (38) 613-1156 / (32) 214-1788**

LENDAS URBANAS AO POVO, NENHUM PODER

Existia longe daqui um país muito bonito na sua natureza. Possuía a maior e mais bonita floresta desse planeta, onde corria bravamente um rio de águas fartas e espetáculo encantador. Na natureza desse país estavam escondidas riquezas naturais das mais valiosas já conhecidas: ouro, prata, diamante, o melhor petróleo do mundo, minérios dos mais valiosos e usados com abundância até hoje.

Ele era habitado por um povo magnífico, que possuía todos os requisitos necessários para transformá-lo em uma nação rica e poderosa. Mas, por ser bom demais, o povo era ingênuo e se deixou levar por promessas e feitos enganosos de corruptos que só visavam aos seus "bens" comuns.

Esses governantes foram entregando o país, em uma maior falta de respeito com a população, para países mais poderosos, que atribuíam-lhes uma quantia pessoal gorda. O povo era manipulado a todo momento, para agir conforme eles desejavam.

Assim mesmo, aconteciam revoltas de cunho popular contra o vigente governo, que eram violentamente massacradas e interrompidas. Foi dessa maneira que o governo, na época uma ditadura, calou o povo durante vinte e um anos. Foi assim, também que incendiaram, em 12 de outubro, em pleno centro da maior cidade da nação, um buraco enorme com um enorme número de crianças. Que estavam fazendo ali? Fazendo uso de drogas, ao serem rejeitados por pais que não conseguiam suprir as suas próprias necessidades. É, uma boa saída para acabar com as mazelas sociais. Foi assim também que executaram, em outubro de 92, na prisão do Carandiru, 111 presos. Por esse crime não foi responsabilizado absolutamente ninguém. Enfim, as inúmeras revoltas desse território foram brutalmente contidas.

Nessa Pátria, em um dos seus estados, fundou-se uma cidade que, infelizmente, era regra e não exceção no que se refere a poderosos, que só possuem por intuito continuar no poder, destruindo a oposição a qualquer custo. Essa cidade se chamava Pedra de Duas Faces. Mas essa é uma outra história, que contaremos mais tarde. Aquele abraço e até outro dia.

Adamastor de Freitas

O SIGNIFICADO DA REPÚBLICA BRASILEIRA ONTEM E HOJE

Em meio aos festejos pelos quinhentos anos do descobrimento do Brasil, é lugar comum tecer reflexões com teor ufanista sobre nossa história. Não é este o objetivo deste pequeno artigo que apresento. Primeiro porque o sentido de ufanismo e o de reflexões não combinam - o que equivale dizer que aquelas tentativas de pensar o país pelo prisma do nacionalismo têm um pouquinho de pedantismo e muito de patriotada -; segundo porque nosso tempo exige retomar questões de modo radical - quer dizer, pela raiz -, de modo a antepor o pensamento pragmático ao pragmatismo do pensamento.

Para melhor demonstrar o que estou a dizer, e levando em conta as comemorações iminentes do "15 de novembro", recorro à frase de um parlamentar que testemunhou aqueles acontecimentos e que assim fixou seu sentido pouco evidente - frase que serve de "balde-de-água-fria" aos arroubos ufanistas: "O povo assistiu a tudo bestializado". "Tudo", no caso, foi a Proclamação da República - na verdade, uma quartelada empurrada por oficiais do exército imperial e uns poucos jovens da Academia Militar. A frase tem um "quê" de veneno: ela se põe a contrapor as efusões de seus contemporâneos, que viam no nascimento do regime republicano entre nós um sinal de progresso e atualização com as ideias mais avançadas daquele tempo. Uma intenção crítica, no entanto, desnuda o dispositivo ideológico que acompanha esta última afirmação. Primeiro: note-se que o Brasil foi dos últimos entre os países da América Latina a romper com o *Ancien Régime* - ademais, foi também dos últimos a conquistar a independência e a abolir a escravidão; segundo: o movimento não caracterizou uma vontade popular e, pior, não a realizou.

Enumerarei apenas estas duas características porque vejo nelas uma relação implícita que merece melhor análise e compreensão. O ponto central é como definir a relação entre o homem comum (o cidadão, em jargão republicano) e o governo que o representa, ou que, ao menos, deveria representá-lo; ou seja, como seriam estabelecidas as relações entre a sociedade e o

indivíduo, entre o público e o privado? Encontramos duas vertentes ideológicas em voga naquele momento que definem bem este dilema. Num primeiro caso, os republicanos concentrariam forças na reformulação do Estado: era necessário dissolver a hierarquia vertical do aparelho burocrático imperial (no qual os postos mais altos eram ocupados por pessoas colhidas na nobreza remediada), cuja incompetência e vícios de corrupção emperravam a máquina administrativa - neste caso, é tarefa dos republicanos abrir a burocracia estatal a funcionários de carreira, como bacharéis e militares, afirmando a transparência e a eficiência administrativa. Num segundo caso, os ideais republicanos estariam melhor representados na participação ostensiva do povo (o terceiro estado), que deveria ter maior acesso às decisões políticas daí por diante, tal como as lições históricas deixadas pela Revolução Francesa. Em outras palavras, o dilema sobre a inserção popular na vida pública do país se bifurca entre a entrada no aparelho burocrático-administrativo do Estado e a participação na vida política do país. Ora, é necessário lembrar que nossa República foi proclamada em um momento de intensa especulação financeira, motivada por emissões monumentais de dinheiro feitas pelo governo para atender às necessidades de um mercado ensandecido. O episódio ficou conhecido como "encilhamento" e foi assim descrito por Machado de Assis em seu romance *Esau e Jacó*: "Quem não viu aquilo não viu nada. Cascatas de ideias, de invenções, de concessões rolavam todos os dias, sonoras e vistas, para se fazerem contos de réis, centenas de contos, milhares, milhares de milhares, milhares de milhares de milhares de contos de réis. Pessoas do tempo, querendo exagerar a riqueza, dizem que o dinheiro brotava do chão, mas não é verdade. Quando muito, caía do céu." Estas palavras dizem muito daquele momento: eram fábricas, estradas de ferro, estaleiros, edificações, empréstimos, cotações no câmbio, e várias outras e diversas negociatas que faziam muitos enriquecerem da noite para o dia, e muitos outros empobrecerem do dia para noite, embora tudo não passasse de uma fraude gigan-

tesca e coletiva, uma vez que nenhum daqueles projetos saiu do papel.

Como se vê, a República, em vez de impulsionada pelo (e impulsionar o) povo, foi acontecimento ofuscado pelo oportunismo das oligarquias. Esta constatação, além de explicar muito bem a frase de Aristides Lobo citada no início desse artigo, significa mais que uma interpretação refletida sobre nossa história. Ela oferece um questionamento perturbador para o cidadão de hoje, quando vivemos o desmonte do setor produtivo estatal (basta lembrar a venda das empresas no setor de siderurgia, telecomunicações, transportes, e o que ainda falta vir por aí), o desmantelamento de seu aparelho burocrático (exemplificado na demissão de funcionários de carreira e na má remuneração dos que permanecem, curiosamente convivendo com a permissividade para com a corrupção), e as reformas propostas à constituição como reforço para o esmagamento do poder de compra do salário mínimo; tudo isso como pano de fundo para o crescimento do capital privado (nacional ou estrangeiro) no setor produtivo, a concentração de renda das classes A e B, o crescimento do desemprego e o empobrecimento do trabalhador empregado. O cidadão que lê jornal tem a nítida impressão de que estamos diante de um novo "encilhamento", ou de uma renovada preocupação com a organização do Estado e, conseqüentemente, diante de uma forma também renovada de proscrever da cena política a ação consciente e participativa da sociedade civil. O cidadão de hoje, que vive diante de uma avalanche ostensiva de propaganda estatal que comemora o aniversário do país - propaganda que o governo não cansa de relacionar com a riqueza natural de nossa fauna e flora, ou nossa vocação para povo pacífico e alegre -, deve perguntar-se para onde vão os benefícios de nossa riqueza econômica e por que não são elas revertidas em riqueza social.

Marcos Rogério Cordeiro Fernandes,
graduado em História
pela UFJF.

O GRANDE "CANYON" DO PERUAÇU

Maior reserva espeleológica de Minas Gerais, o Vale do Peruaçu (a 650 km de Belo Horizonte) foi transformado no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, através do decreto assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. O vale, com 155.910 hectares de área, está localizado entre os municípios de Januária (125.280 ha) e Itacarambi (30.630 ha) e abriga cerca de 100 cavernas e grutas, além de dezenas de sítios arqueológicos com mais de 12 mil anos.

A área se constitui num dos mais complexos sítios arqueológicos de arte rupestre do mundo. O local impressiona pela beleza, mas o acesso do público está suspenso porque ainda não há infra-estrutura adequada para receber turistas. Agora, com a criação do parque, o passo seguinte será alocar recursos para abri-lo à visitação. Segundo a revista *Os Caminhos da Terra*, "Se o Canyon do Peruaçu estivesse no Primeiro Mundo, seria, seguramente, um centro turístico de primeira grandeza".

O vale é ideal para o desenvolvimento do ecoturismo. Ao longo dos séculos, a natureza esculpiu grandes

"canyons" de paredões verticais, chapadões arenosos, grutas com rios correntes e ornamentadas com figuras rupestres. São painéis com milhares de pinturas, de baixos-relevos de diversas tradições e estilos. Nas pinturas, são retratadas figuras geométricas bicólores de seres hu-



As cavernas do Peruaçu são ideais para o desenvolvimento do ecoturismo

manos e de plantas.

O gerente da Área de Proteção Ambiental (APA) do parque, Emerck Lima Cipriano, explicou que será feito um cinturão verde de proteção, com a desapropriação de 56 mil hectares. Esta área será inserida no parque. São várias fazendas de particulares. Toda a área do vale, aliás, é constituída de fazendas. Atualmente, os proprietários podem utilizar os recursos naturais do local mediante fiscalização do Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Com a transformação em parque nada mais poderá ser explorado. A diretoria do Ibama se reúne na próxima semana com a direção da Fiat Automóveis para tratar de recursos para a desapropriação. Depois, a área será cercada. Segundo Emerck, nem todas as áreas serão liberadas para visitação. A intenção é elaborar um plano de manejo para definir os locais para acesso do público.

Texto extraído do jornal "Estado de Minas - a bordo", de 28 de setembro a 4 de outubro.

SUPERMERCADO DAVI CÉSAR AZEVEDO

"Confiança e Qualidade"

Variedades de produtos pelo melhor preço da cidade.

PRAÇA DA PREFEITURA

COM 500 ANOS, EFE AGÁ CÊ Falha Humana Contínua

Marco Antônio Bueno Belo é graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora e há 11 anos se dedica a dar aulas. Em Juiz de Fora trabalha no Saúde Vestibulares, um dos melhores da cidade; também é professor no Instituto Fênix de Ensino em Barbacena. Já, como é conhecido, publicou um livro "Um Sonho de Liberdade - a Conjuração de Minas" em parceria com Gilson Domingues e Rubim Aquino, considerado o melhor professor de História do país em atividade e o que mais vendeu livros desta matéria até hoje. Também em conjunto com Rubim Aquino, Jiló escreveu o livro "Conjuração Baiana - A Liberdade era um Sonho", que ainda será lançado. E prepara seu livro solo "Revolutas do Período Colonial Brasileiro". Jiló tem orgulho em ser brasileiro e considera absurdo um povo trabalhador, com uma cultura diversificada e vasta, ser chamado de vago-bundo ou inferior. E encerra a opinião de Luiz Fernando Veríssimo de que, para acabar com a política "entreguista" dos políticos que governam o país, deve ser criada uma cooperativa entre todos os brasileiros para comprar o país. Pois, segundo Luiz Fernando Veríssimo, se cada habitante contribuir com 17 reais, compramos a nossa nação.

Liberdade Informa(LI): A mídia, especialmente a Globo, vem traçando comemorações sobre os 500 anos de descobrimento. Qual o seu ponto de vista em relação a esse tipo de propaganda?

Jiló: A campanha da Globo é um atentado contra a própria nacionalidade, é ridículo. Por quê? Para começar, não existiu descobrimento, existiu a chegada dos portugueses na América. Depois, já existem vestígios de homens pré-históricos no Brasil datados de 32.000 anos. A história do Brasil não começa com a chegada de Cabral aqui, ela começa com a chegada do homem na América, nessa região que ficou sendo o Brasil. Então teria que se fazer a campanha: "Brasil 32.000 anos". E também não podemos desprezar a história indígena: os tupis, os guaranis, os botocudos, os xavantes, os abacanoiros, os yanomamis. A Globo aproveitou o evento para criar uma campanha em cima, para ganhar dinheiro. Além disso, para instilar aqueles relatórios horroresos nas principais praças do Brasil, o que é um atentado ao bom gosto visual. Você olha lá em Copacabana, no Rio de Janeiro, e dá vontade de jogar uma bomba naquela "porcaria". Essa história de 500 anos é extremamente irritante para os profissionais de história que trabalham de maneira consistente, porque se cria um padrão de história europocêntrica, ou seja, baseada na história europeia, e se denigre a nossa própria história de povo, de nação. É como se o indígena não tivesse participação concreta na construção disso que aí está hoje. É realmente desprezível.

LI: Existe uma relação entre a Conjuração Mineira e o Governo atual?

Jiló: Existe uma relação direta sim. Porque a gente percebe que, na Conjuração Mineira, a motivação principal para os revoltosos era a cobrança de impostos, a questão tributária, um especial a "derrama". E hoje, o que se assiste no Brasil é o massacre da camada média e pobre da população em função de um sistema tributário injusto que privilegia as grandes fortunas e massacra as pequenas economias. Um dado muito interessante que saiu nos jornais há pouco tempo: a pessoa física Silvio Santos é o maior pagador de imposto de renda no Brasil. Ele paga, relativamente ao último exercício fiscal, 12 milhões em imposto de renda. Enquanto isso a Volkswagen do Brasil, pessoa jurídica, pagou 7 milhões. Enquanto isso, um professor que ganha R\$1.000,00 paga 25% de imposto de renda na fonte, ou seja, R\$250,00 vão de imposto de renda para o governo. Então, quem é que financia a construção do Estado? A classe média, que é massacrada pelos impostos.

O governo hoje adota práticas repressivas não ou mais brutais do que aquelas adotadas pelo Estado Português no séc. XVIII. Hája vista a questão do massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás. Os sem-terra que morreram é que foram culpados pela sua morte, pois eles não tiveram a sutileza necessária para se desviarem das balas. Eles deviam ter visto o filme *Murder*, com Keanu Reeves, para aprenderem a se desviar das balas. Ai ficaria legal.

Pode-se ver então que o Estado repressor atua em todos os sentidos, não só na prática, mas na teoria também, quando força a massa nacional a adotar um tipo de comportamento que interessa ao governo, pois os meios de comunicação repetem os mesmos clichês do governo, não dando espaço para opiniões alternativas. É o mesmo tipo de Estado, aquele repressor que persiste. E, como nós expusemos no nosso livro sobre a Conjuração Mineira "nós temos que falar, temos que gritar, porque, se não gritarmos, não adianta". Se, por acaso, eles conseguirem amedrontar a gente, cito uma frase do poeta Pedro Terra: "Se calarmos, as pedras gritarão". Eles não vão conseguir calar nossa boca, não.

LI: Até que ponto a globalização e o neoliberalismo interferem na soberania nacional?

Jiló: Primeiro queria dizer que "globalização" não é uma coisa nova. O que se chama de globalização começa lá no Império Romano, no séc. II a.C. Uma segunda onda globalizante de

peso vem com as navegações marítimas, as grandes navegações, iniciadas no séc. XV. Uma terceira onda globalizante seria o Imperialismo do séc. XIX e agora vivemos essa quarta onda global que, na verdade, se constitui na aplicação de capital especulativo sem pátria. Calcula-se que cerca de 1 trilhão de dólares sejam investidos diariamente ao redor do planeta, e todo esse capital é especulativo. O professor Rubim Aquino chama esse capital de "andorinha", voa para lá e para cá de acordo com a necessidade. E os lugares onde esse capital "pousa", como o Brasil, eles chamam de "motel": esse capital vem aqui, dá uma "transadinha" com a nossa economia, arranja dela as coisas boas que tem e vai embora. Na verdade, a palavra globalização hoje é forma nova de designar algo que já vem desde o séc. XIX, que é o nosso velho, "bom" e conhecido Imperialismo. O que se estabeleceu é uma dominação econômica brutal baseada nesse capital especulativo. É a dominação econômica de caráter Imperialista.

Já a questão do neoliberalismo é outra coisa que se tem de conceituar, porque o que se chama aí de novo liberalismo, na verdade, é a mesma coisa que se fazia no séc. XVIII. É o mesmo liberalismo definido por Adam Smith, Stuart Mill, Malthus, David Ricardo, pois 99% das práticas são iguais. O único dado discordante do liberalismo do séc. XVIII do de hoje é a não existência da questão da privatização, e também não podia haver mesmo isto porque não existia empresa estatal nesse século. O resto é absolutamente tudo a mesma "porcaria". Na verdade seria muito mais interessante chamarmos isso de polo-liberalismo, liberalismo da idade da pedra, do que de neo-liberalismo.

Os conceitos de globalização e neoliberalismo são aplicados pelas nossas elites como sendo panacéias, como sendo "remédios milagrosos" para a doença, a pobreza, a miséria, a falta de educação e saúde que existem no Brasil. Como se ao som dessas duas palavras, o Brasil finalmente acordasse, se endireitasse, se transformasse em uma grande nação. O que as pessoas esquecem é que as elites brasileiras sempre tiveram um projeto pessoal e nunca nacional. Para elas o que interessa é a exploração, até mesmo de caráter antropofágico, do país como um todo. Não se interessam pelo que vai acontecer com o país enquanto nação, enquanto pátria. A pátria delas é o dinheiro e, nesse sentido, globalização e neoliberalismo para eles são as melhores coisas do mundo.

LI: O Avanço Brasil seria mais uma manobra do governo?

Jiló: Com certeza absoluta. Vou usar aqui o lema da revista Baudas, uma boa indicação de leitura que eu dou para os moradores de Itacarambi, "o país progride, quem avança é cachorro". No primeiro mandato do Governo FHC foi apresentado um projeto chamado Brasil em Ação, as metas do Governo FHC nos primeiros quatro anos, 90% desse projeto, claro, não foram cumpridos. O que é esse Avanço Brasil? Que eu chamo carinhosamente de "Avanço Brasil no Bolso do Pobre". É uma reedição do Brasil em Ação com algumas emendas mal-ocultadas, colocaram um remendo aqui e ali para dizer ser novo. De acordo com o programa do governo recém-apresentado, vão ser feitas 365 obras que garantam a formação de uma infra-estrutura para o país. Pois bem, não se definiram ainda as obras. Não se sabe de onde vão sair os recursos, já que o programa prevê investimentos na casa de 1 trilhão e cem bilhões. Isso para um país que tem um PIB (Produto Interno Bruto) que gravita na casa de 950 bilhões. Bastaria, então, o Brasil ficar 1 ano e meio sem gastar nada para conseguir o dinheiro do Avanço Brasil. Agora, o mais interessante, já foram nomeados os 365 diretores do programa, 365 obras, um diretor para cada uma. Será que isso cheira a loteamento de cargo público? Será que o governo está começando a montar a máquina política para garantir a eleição do sucessor de FHC nas eleições de 2002? Será? Será que, na verdade, não é uma grande enganação esse Avanço Brasil? Cada um tira a conclusão que quiser.

LI: Muitas pessoas acreditam que se a oposição, no caso o Lula, conquistar o poder, vão também ser ludibriadas pelos poderosos corruptos. Qual a sua opinião sobre isso?

Jiló: É uma visão ingenua dizer que toda pessoa a priori é corrompível. Isso é uma coisa detestável, e... partir para a generalização. É como a ideia de que toda mulher gosta de apunhar. Não é possível, não é exequível se pensar que uma pessoa que tem um curácul histórico de luta a favor da construção de uma sociedade justa e igualitária, no momento em que assume o poder se desvirtua com ele e se corrompe. Nós temos na história do Brasil trajetórias pessoais de políticos que se desviaram pela



O Professor Jiló em entrevista que concedeu ao Jô Onze e Meia

honestidade. Temos vários exemplos disso. Pegar um bem recente, bom conhecido de todo mundo, o deputado Ulisses Guimarães, que é uma unanimidade entre todas as correntes políticas existentes neste país. Eu não conheço ninguém, de partido nenhum, que fale mal do doutor Ulisses Guimarães. Foi uma grande perda para o país. Um homem que ocupou cargo público desde a década de 40 e que, ao morrer, possuía 1 carro, 1 casa e 3 linhas telefônicas. Foi Presidente da República Interino por diversas vezes, foi Presidente da Câmara dos Deputados, da Assembleia Constituinte e nunca se aproveitou do poder para fins de promoção pessoal. Então é uma visão distorcida de um fato: "O Lula vai se corromper". Então, vamos dizer aquele chavão: "todo político é ladrão"? Inclusive aqueles que estão entrando agora? Quem está entrando agora na política é para roubar? É para se dar bem?

LI: Como é vista a relação do ACM com Lula depois do simpósio sobre a pobreza feito pelos dois? Isso não trará um trans-torno para o PT, por ser um partido nacionalista?

Jiló: Sabe qual é o problema principal que eu vejo no Brasil? Ele ainda não aprendeu uma coisa: o diálogo. A política é a arte do diálogo e estabelecimento do consenso. O que não se pode é vender posições, se corromper, mas, a partir do momento em que alguém, seja de direita, de centro ou de esquerda, apresenta uma postura política em benefício da maior parte da sociedade, os partidos políticos e os membros dos partidos políticos que representam essa sociedade marginalizada, pobre, carente, têm, não o direito, mas, sim, a obrigação de sentar e conversar.

A esquerda brasileira tem que aprender a fazer alianças que sejam oportunistas, sim. Se houver a necessidade de uma aliança com ACM para se chegar ao poder, faça-se. O que nós não podemos mais permitir são posições xenofóbicas, posições radicais, que inviabilizem a vitória das oposições. Nós temos que chegar ao poder para transformá-lo. A esquerda brasileira ainda anda pregando um certo quê de romantismo na sua luta política, aquela coisa do paladino da justiça, o verdadeiro "Don Quixote de la Mancha". Está na hora de sermos um pouco mais práticos.

Não entendo, também, esta questão do desgast: "O Lula já tentou 3 vezes". O Corinthians ficou 21 anos esperando para ser campeão e não é por isso que deixou de ser torcida. O Botafogo também. O Lula está há 12 anos, a coisa não está tão ruim assim também não. O que se verifica hoje é que para a classe média o Lula é cada vez mais palatável, porque falar em Lula era como se apontasse o dedo para o Belzebu. Agora não. Agora a coisa está mudando. As pessoas estão começando a ter um nível de consciência política maior. Isso é que é bonito na democracia. O Brasil demorou décadas e décadas para atingir um grau de conscientização política satisfatória e esse grau foi aborçado pelo golpe militar de 1964. Nós experimentamos o gosto da democracia há apenas 11 anos. É só com o exercício democrático que a democracia se fortalece. É só através da discussão política que esta se amplia. Se você quer resolver qualquer problema ligado à sociedade, só há um caminho: o exercício da prática política. Você tem que estar nela. Não adianta você dizer que "unha que ser assim", "unha que ser assado", "você acho que...". Vários parcer com a teoria do "achismo", vamos ser um pouco mais científicos, você não tem que "achar" e sim "fazer" e, para isso, tem que estar dentro. É isso que uma *gama* muito maior de pessoas hoje vêm fazendo, a juventude se interessa cada vez mais por política. Daqui a vinte, trinta anos, se não houver turbulência em nosso processo político, nós verificaremos um grau de conscientização política tão ou mais alto que aquele que existia no início dos anos 80. É assim que funciona. É devagar.

LI: O Collor foi vítima do sistema na época do seu governo?

Jiló: Um dos maiores ladrões que já ocuparam algum tipo de cargo público na história desse país. Esse é um pilantra, de caráter assadado, ficha na polícia e tudo o mais, não vale nada. O problema do brasileiro, e não é só dele, é sempre querer considerar como pior o governante de plantão. Agora, como já existe um distanciamento temporal do Governo Collor, muitas pessoas que não procuraram se informar sobre a prática política daqueles péssimos anos do início dos 90 vêm-nos como um "caquinho", um que "não fez nada". Tirando o fato de ter roubado mais de 1 bilhão do tesouro público, ele não fez nada. Collor e criação do regime militar, foi prefeito bônico de Macaré, ganhou o governo do Estado e quebrou Alagoas e, se não fosse retirado da presidência rapidamente, teria destruído, também, o país.

LI: Nós temos aí o Ciro Gomes, denominado de esquerda "light". Você não acha que ele está com um discurso parecidíssimo com o do Collor, demasiadamente ufanista, coletivista e, por vezes, com um discurso político indefinido?

Jiló: Eu tenho uma grande prevenção em relação ao Ciro Gomes. Parece-me uma mistura de Fernando Collor com Fernando Henrique. Em termos de economia, Ciro Gomes defende rumos diferentes para a política econômica. Não tem nada de tão diferente assim, não. O que ele defende é basicamente o que está aí. Politicamente quem é Ciro Gomes? Criação do Governador do Ceará Tasso Góes, afilhado político do Tasso, que tem um discurso de caráter populista, personalista. Eu já tenho uma grande prevenção quanto a esse tipo de político. E eu não vejo Ciro Gomes nem como esquerda, o que dirá esquerda "light". Tenho medo de que a elite brasileira esteja fazendo um novo Frankstein com remenidos de diversos tipos de políticos que já passaram pelo cargo de Presidente da República, como o Collor, o Sarney, o FHC, e esse novo Frankstein atende pelo nome de Ciro Gomes.

LI: Você acha que um analfabeto tem o direito de governar um país?

Jiló: Claro que sim. A educação formal não é nada. Eu conheço pessoas de uma sabedoria excepcional que não conseguem assinar nem mesmo o próprio nome. Se fosse assim, Abraham Lincoln nunca seria Presidente dos Estados Unidos, um lenhador analfabeto até os 18 anos de idade. E se tornou o maior Presidente da História do que hoje é o maior país do mundo. "Ah, mas ele fala errado", "ele fala problema", "falha", "chicriete", etc. 70% da população do Brasil falam assim. Não há necessidade do Presidente de um país falar vários idiomas, ele tem que saber falar o idioma do seu povo. Tem que entender aquilo que o seu povo diz, não aquilo que um governante estrangeiro quer que ele entenda.

LI: Quais são as perspectivas reais do futuro do país?

Jiló: As perspectivas não são nada boas. Nós temos uma chance, sim. O problema é que na década de 90 não dá mais. A década de 80, no Governo Sarney, é conhecida nos livros de história como a década perdida. Essa década de 90 está sendo chamada de a década roubada. Roubaram do Brasil a década de 90. Roubaram do povo brasileiro uma década inteira de crescimento, dignidade, respeito, auto-confiança, amor-próprio. Cabe a nós, agora, prender os ladrões.

LI: O Estado Mineiro vem sendo reprimido dignamente pelo nosso Governador Itamar Franco. Você não acha que ele está mobilizando a população para fazer com que ela se sinta defendida e comece a querer mudar algo no país?

Jiló: Sim, a ideia do Itamar é promover uma grande mobilização a partir de Minas. Isso parece uma figura de linguagem, rebrança de político tradicional mineiro, mas Minas, quando se movimenta, acontece alguma coisa. Isso é uma verdade histórica no país. Quando Minas se mexe, a política nacional muda, é o berço da rebelião, é a tumba da paz. Eu acho que as montanhas que nos envolvem nos inspiram esses sentimentos de conflagrações, convulsões, revoltas e conjurações.

LI: Como você caracteriza este país que está prestes a completar 500 anos?

Jiló: Um país pobre. Por favor, não usem o termo emergente, pois o que emerge é "merda", e meu país não é isso. É um país sofrido, com um povo extremamente trabalhador, um povo que está sendo enganado continuamente nestes 500 anos de dominação oligista, um povo que não tem os seus direitos respeitados, obrigado a ter mais e mais deveres, mas ainda assim com uma capacidade que parece inesgotável de sorrir, de cantar, de se alegrar. Povo que não merece os sucessivos governos que tem, povo que detesta a aprender, mas que aprende a lição. Quando é chamado a dar mostras da sua valentia, da sua fibra, da sua raça, sempre diz "sim", sempre diz "presente". Está chegando a hora dessa camada pobre, sofrida, começar a fazer valer a sua voz. Como eu disse antes, é um processo lento, bem devagar, mas as coisas mudam. Taxaram Tridantes de Louco, disseram que os Conjurados Baianos eram negros enlouquecidos, chamaram o frei Caneva de retardado, Antônio Conselheiro era um místico amaldiçoado, os homens do Contestado eram marginais, a esquerda brasileira, que se armou contra a ditadura, era um bando de inconseqüentes, os sem-terra são marginais que não respeitaram o sagrado direito da propriedade privada. E o que eles vão falar agora do resto do Brasil? Que é uma massa ignorante que está sendo iludida? Mas é uma massa ignorante que está sendo iludida há 500 anos e que agora está tirando da frente de seus olhos esse véu de ilusão que hoje se chama Plano Real. Como disse o Raimundo Faoro: "O povo é um vulcão adormecido. O problema é acordá-lo". Parece que está acordando. Já está começando a sair uma fumaçinha da boca do vulcão. E ele está sentindo isso. O ACM está sentindo isso. Não é a toa que agora ele é a Madre Teresa de Calcutá da Bahia, virou uma nova irmã Dulce, só falta vestir o hábito. Se ACM está se movimentando para o lado dos pobres é sinal de que eles estão incomodando muito.

E viva os 500 anos do Brasil!!!!

O VEREADOR E A COMUNIDADE

A história não registra, mas acredita-se que a função de vereador surgiu por volta do ano 490 a.C... através de assembléias do povo, que eram realizadas em praça pública conhecida como "ágora". Em Roma, a assembléia era chamada de *Concilium Plebeius* e surgiu em meados de 471 A.C..

Os patrícios, como eram conhecidos os homens da classe dos nobres, que comandavam a economia e a política, eram chamados de edis (sinônimo de vereador). Suas funções eram cuidar dos reparos das ruas e estradas, do abastecimento de água e de outras coisas de interesse da comunidade.

Em nosso país, com o fim da monarquia e a proclamação da república em 15 de novembro de 1889, foi publicada a constituição que instalou os cargos de Presidente da República, Presidente do Estado e Câmaras Municipais. Dessa maneira, os vereadores seriam eleitos pelo voto popular e um seria indicado para exercer a função

de Executivo.

Foi somente com a Constituição de 1934 que os poderes Legislativo e Executivo foram divididos, e com o advento da Constituição Federal de 1988, os municípios brasileiros vêm assumindo inúmeras competências. Um exemplo é a lei orgânica que cada município teve de elaborar, regulamentando assim o seu papel dentro do Estado Brasileiro. Infelizmente na nossa "cidade diferente" a lei orgânica esteve por muito tempo paralisada na Justiça. Motivo? "Os coronéis" desejavam uma comunidade anônima, sem leis regulamentadoras da administração pública municipal, para assim realizarem a bel prazer os mandos e desmandos que lhes são característicos. Como se não bastasse, a mesma lei orgânica encontra-se em fase de emendas por parte dos vereadores situacionistas, para retirar dela os princípios de moralidade pública, os freios contra os abusos do poder. OSTRACISMO OU DESTAQUE?

Outro exemplo é o processo de descentralização do Estado, em que várias competências vão sendo atribuídas aos municípios, tais como: municipalização da saúde, educação, etc. O que se questiona perante tantas responsabilidades é como gerir municípios que se encontram fartos de problemas e tão carentes de recursos, tendo em vista que a maioria dos tributos são arrecadados para a União?

A experiência vivida pelos municípios é que a descentralização dos serviços públicos não vem acompanhada dos recursos necessários, sendo estes sempre insignificantes em proporção aos problemas, o que somente onera os cofres municipais.

É o pequeno município a instância concreta do Poder Executivo. Estado e União são meras abstrações. É no pequeno município que o vereador representa especificamente os anseios do povo e, para isto, requer um Legislativo forte, independente, desgarrado do bigode do prefeito, para analisar a

fundo a viabilidade da municipalização de um serviço público, sem perder de vista as futuras conseqüências, em vez de uma satisfação passageira do ego do Sr. Prefeito, que, com determinada descentralização, terá mais poder de manipular as pessoas e persegui-las, o que lhe é característico.

Nota-se ao longo da evolução democrática que em nenhum momento se viu a câmara de vereadores com função de cartório despachante, homologador da vontade do Poder Executivo.

Já disseram os grandes estadistas: "Somente o povo é soberano".

As urnas não darão uma censura política àqueles vereadores que, por cabresto, votam contra projetos de altíssimo alcance social simplesmente porque são de autoria de vereadores da oposição.

OSTRACISMO OU DESTAQUE?

Emerson Barbosa Macedo,
Advogado.

RÁDIO CIDADANIA 104 FM

Estamos torcendo
por você!

Geraldo MF Lula

Clínica Médica

Atende pela Unimed,
Ipsemg, e particular
Segunda a sexta rigorosamente
das 13h30 às 16h
Aos sábados das 09h às 11h

DROGARIA DIVINA

Completa variedade de produtos
farmacêuticos e perfumaria em geral
ATENDIMENTO EFICIENTE
E CONSCIENTE
Pça. Cel. Lucílio, 40
Fone: (0 XX 38) 613-1303

HELP

PRESENTES E UTILIDADES
DOMÉSTICAS

Rua Januária, 135
Itacarambi - MG

DETALHES

Garantia de Qualidade
Calçados, confecções
e presentes

Pça. Cel. Lucílio, 136
Fone: (0 XX 38) 613-1272
Itacarambi - MG

DROGARIA SÃO SEBASTIÃO

A Drogaria da sua confiança
Há 30 anos servindo honestamente
à comunidade de Itacarambi
Pça. da Independência, 42
Fone: (0 XX 38) 613-1566

PAPELARIA LARISSA

Artigos para presentes, importados,
eletrodomésticos, material escolar.
Tudo o que você precisar de ótima
qualidade e bom atendimento.
Pça. Coronel Lucílio
ao lado da Igreja Matriz

A DISPARADA

TECIDOS, PRESENTES, CAMA,
MESA E BANHO, ENXOVAL
EM GERAL PELO MENOR
PREÇO DA CIDADE
Rua Pres. Kennedy
Fone: (0 XX 38) 613-1323

APOIO: Câmara dos Vereadores de Itacarambi

EXPEDIENTE:

Liberdade Informa - Um jornal à serviço da comunidade - Ano I - Número 04 - Novembro de 1999

O conteúdo das propagandas são de responsabilidade do anunciante. Os artigos são de responsabilidade dos autores.

Produção Gráfica: Delta Design (0 XX 32) 215-9615 - Revisor: Levi Cruz Reis
Contatos Publicitários - Darlan de O. Lula - Neuseli F. O. Lula
Tiragem: 1000 exemplares - Impressão: Indústrias Gráficas Santa Rita/JF
Contatos: (0 XX 38) 613-1156 / (0 XX 32) 214-1788